

Lixo extraordinário: a arte de criar, reciclar e representar

Maria Clara Tomaz Machado¹

Priscylla Leite de Moraes²

*E a cidade que tem braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados na vida real
Lhes nega oportunidades
Mostra a face dura do mal.³*

Resumo: O presente artigo se propõe a pesquisar o vídeo documentário “Lixo Extraordinário”, produzido pelo artista plástico brasileiro Vik Muniz no Aterro Metropolitano Jardim Gramacho, situado na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil, a fim de compreender como o material descartado pela sociedade pode ser transformado em sustento (para os catadores), arte e em representação de memórias, fazendo deste um trabalho não só artístico, mas também social através da luta pela sustentabilidade ambiental, e por melhores condições de trabalho. O enredo crava a trajetória do artista em busca de personagens cujas histórias fragmentadas delineiam seus retratos por meio do jogo de cena de seus depoimentos, e de suas imagens retocadas de luz e sombra compostas pelo próprio lixo. Depois do êxito e sucesso dessa obra a história não termina aqui, a luta que a Associação dos Catadores tem empreendido em prol de um lugar adequado e seguro para exercer suas atividades com qualificação e melhorias tecnológicas segue em frente, e são abordadas neste trabalho.

Palavras-chave: História. Vídeo documentário. Lixo extraordinário. Cultura. Vik Muniz.

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo. Professora Associada IV da Universidade Federal de Uberlândia, Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Popular e Vídeo Documentário (DOCPOP) e Diretora de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia. mclaratmachado@yahoo.com.br

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). priscylla1311@hotmail.com

³ OS PARALAMAS DO SUCESSO. Alagados. In: *Perfil: Os paralamas do sucesso* – v. II. Rio de Janeiro: Som Livre, 2006. Faixa 01.

Abstract: This article research the video documentary “Wasteland” produced by Vik Muniz (a Brazilian artist) in the Metropolitan Landfill Jardim Gramacho, situated in Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brazil, we want to understand how the material discarded every day for the society can be transformed into sustenance (to scavengers), art and representation of memories, making this work not only artistic, but social with the struggle for sustainability and better working conditions. The plot spiking the trajectory of the artist looking for character, whose fragmented stories delineate your portrait, between the game scene of your testimonials and your images retouched with light and shadow, composed by its own waste. After successful of this job, the history doesn’t end here, the struggle of the Scavengers Association do asks for one place security and appropriate to do your actives with qualification and technological improvements go on, and this research will approach.

Keywords: History. Documentary. Wasteland. Culture. Vik Muniz.

Lixo extraordinário: entre ficção e realidade

O presente trabalho se propõe a analisar o vídeo documentário produzido pelo artista plástico Vik Muniz⁴, Lixo Extraordinário, que retrata a vida de milhares de catadores que tiravam seu sustento no Aterro Metropolitano Jardim Gramacho, fechado em 2012,

⁴ Vik Muniz (1961) brasileiro – nasceu em São Paulo (Vicente José de Oliveira Muniz) é artista plástico, fotógrafo e pintor, radicado em Nova York, consagrado internacionalmente pela mídia e pelo mercado de arte no qual tem seus quadros vendidos e cotados em libras e euros. Realiza exposições nos grandes museus do mundo como Metropolitan Museum of Art, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em Galerias de Miami, Montreal, México, Canadá, entre outros. A estética do trabalho de Vik Muniz é especialmente de recriar a partir de obras clássicas como Monalisa de Da Vinci, compondo-a a partir da fotografia e de novos materiais da atualidade. Em outra vertente criou séries como as “Crianças do Caribe” na qual denuncia o trabalho infantil cobrindo os retratos com várias texturas e tonalidades do próprio açúcar. Em “Lixo Extraordinário” o artista trabalha oito retratos gigantes de personagens do lixo, e junto a eles, buscando perspectivas, luzes e sombras, utiliza o lixo como moldura e textura. O aterro de Gramacho envolvia mais de 2.000 trabalhadores diretos e 15.000 indiretos, intermediado por empresas que, por sua vez, alimentavam a correia de transmissão das grandes indústrias recicladoras.

coincidente com a vinda da “Conferencia das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS)”, conhecida como “Rio +20” ao Brasil.

Iniciamos nosso estudo pensando a ideia inovadora do artista, bem como a evidência que o filme trás daquela realidade social, demonstrando a vida e as formas de lidar com a sociedade por parte daqueles que sobrevivem do lixo.

O que atrai Vik Muniz a este trabalho é seu histórico de criação de obras de arte através de materiais inusitados como açúcar, chocolate etc. que representam realisticamente seu objeto. Ao começar a utilizar o lixo para criar imagens ele decide conhecer melhor a realidade de quem também trabalha com resíduos, os catadores de materiais recicláveis, e para representá-los em suas obras o artista descobre um novo mundo explorado no filme.

Desse modo, decide relatar sua ida ao aterro, criando um longa que denuncia uma realidade social e que, por isso se torna importante ferramenta de estudo aos historiadores, que após a cria-

ção da Escola dos Annales (1925-2014) passam a aceitar novos objetos⁵ para suas abordagens, dentre eles os filmes, representações da realidade.

A história aceita estes novos recursos ao reconhecer o caráter subjetivo que perpassa as teorias e novos conceitos admitidos nas ciências humanas. Conforme a noção benjaminiana, nem nas produções textuais podemos falar em veracidade, pois qualquer narrativa exprime memória sobre uma dada realidade “porque esse recordar e esquecer produz imagens de relações entre o presente e o passado e não o passado tal como existiu”.⁶ O vídeo documentário, assim como os textos, pode ser classificado como verossímilante, mas não manifesta a total e completa verdade dos fatos, pois possui “uma dose de memória, outra de esquecimento, além de um pouco de imaginação”.⁷

[...] O presente dura muito pouco. Para ser mais exato, 3 segundos. A cada 3 segundos, ele se torna passado [...] Após 3 segundos, todas as informações que passam pela sua cabeça saem da consciência e são arquivadas nos sistemas de memória do cérebro. Isso significa que você enxerga a própria vida, fundamentalmente, através da memória [...] Mas está longe de ser confiável. Quase sempre nossas lembranças

omitem ou distorcem detalhes do que aconteceu⁸.

Reconhecer que lembranças são falhas é entender que o homem é passível de erros, com isso, a história compreende que não apenas os documentários, mas também os textos não revelam o real, e sim uma aproximação com o ocorrido. Se nossos olhos tirassem fotos as fotografias sairiam com melhor resolução, assim como mais parecidas com o real, mas não é o que ocorre, nem mesmo os privilegiados com a memória fotográfica possuem a recordação plena dos momentos, o que vemos é suscetível de interpretações neurológicas ou de escolhas políticas, estéticas e ideológicas daquele que clica o instante⁹.

Sendo assim, estudar a obra de Vik Muniz pode ter a intenção implícita de desvelar, ou ainda denunciar a realidade carioca e brasileira, a diferença social onde a miséria humana se acumula entre casebres, favelas, tratores de esteiras, pás carregadeiras, ônibus e centenas de pessoas que vistos de cima parecem formigas transitando pelos restos produzidos pela sociedade de consumo.

Para falar sobre o documentário “Lixo Extraordinário” decidimos começar pelas produções acadêmicas de quem já havia estudado o tema, que apesar de muito debatido é ainda re-

⁵ LE GOFF, Jacques. *Nova História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia. Obras escolhidas 1*, 1994, p. 91-107.

⁷ NUNES, José Walter. *Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram*. In: LAVERDI, Robson. et al. (Org.). *Práticas sócio-culturais como fazer histórico*. Cascavel – PR: Ed. UNIOESTE.

⁸ SANTI, Alexandre. *Memória e felicidade: como assumir o controle de suas lembranças e ser mais feliz. Superinteressante*, v. 300, 2012.

⁹ BENJAMIN, Walter. “Pequena história da fotografia.” *Obras escolhidas 1* (1994): 91-107.

cente. O primeiro artigo fala de uma possível aproximação do artista criador da obra Vik Muniz com Agnès Varda uma diretora belgo francesa que também trata o lixo em suas produções¹⁰; o segundo faz uma comparação entre os documentários produzidos em Jardim Gramacho: “Lixo Extraordinário” e “Estamira”¹¹. A principal ideia exposta nestes trabalhos é também o cerne de nossa preocupação: como os catadores de materiais recicláveis, descartados pelo sistema econômico se reconhecem enquanto sujeitos de suas histórias, e constituem-se enquanto classe social ganhando visibilidade através das obras do artista.

Torna-se necessário compreender a questão das lutas de classes, iniciamos nosso estudo pelas ideias de Thompson em seu texto “Luta de Classes sem Classes”,¹² que irá discutir como se dá a construção de uma classe social. Primeiro se dão conta de sua condição de exploração, paralelamente a uma burguesia que se impõe, e por isso, por meio da experiência da violência e da desigualdade se unem para reivindicar aos paternalistas seus direitos criando formas de resistência coletiva, e consciência política para luta social.

¹⁰ OLIVEIRA, M. G. P. . Catar e catar-se: aproximações entre Agnès Varda e Vik MUniz. In: VIII *ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2012, Salvador. VIII *ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2012. SANTOS, Darlan; FUX, Jacques. *Estamira e Lixo Extraordinário: a arte na terra desolada*. Juiz de Fora, 2011.

¹¹ ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2007.

¹² THOMPSON, Edward P. Tradição, revolta e consciência de classe. *Crítica*, 1984.

Concomitante a isso utilizamos aspectos da história cultural para compreender a formação dos movimentos dos catadores a partir dos temas discutidos por Raymond Williams e Michel de Certeau. O primeiro irá discorrer quanto à cultura enraizada, impregnada no subconsciente social, e nesse sentido, a tradição tanto pode ser um instrumento de dominação imposta pelo poder, quanto poder ser uma recusa, matriz residual que garante ao oprimido sua identidade cultural¹³.

Já Certeau trata a apropriação e reapropriação da cultura, pensando como certas características são transformadas, bem como nas influências que sofrem pelos meios de comunicação, demonstrando a necessidade de aprender a ler nas entrelinhas as resistências móveis e fluídas dos ânimos sociais em suas astúcias e trampolinagens¹⁴. Esta reflexão é necessária ao vermos o discurso de identificação dos catadores ao reafirmar sua classe, pensar seus gostos, costumes e particularidades, algo primordial em nossa pesquisa.

Apoiamos nossas bases em estudos da historiografia para decifrar estes aspectos citados acima lendo Albuquerque Júnior e Ginzburg¹⁵, que em

¹³ WILLIAMS, Raymond; CASTELLET, José María; DI MASSO, Pablo. *Marxismo y literatura*. Península, 1980.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. O tectelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *Boletim Tempo Presente*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 19, 2009. GINZBURG, Carlo. *A micro história e outros ensaios*. Lis-

seus paradigmas analíticos afirmam a necessidade de estudar os pequenos aspectos sociais, as novas histórias, os novos objetos, as minorias.

Nesse entremeio estudos sobre documentário e história tornam-se fundamentais à nossa pesquisa, os recursos imagéticos são importantes formas de representação da realidade. Para tanto, nos embasamos nas ideias de Barthes, Ferro, Ginzburg, Nunes, Ramos, Rossini, Xavier¹⁶, que nos ajudaram a compreender a lógica histórica por trás dos filmes.

Através das leituras citadas pudemos estudar os personagens do Jardim Gramacho num viés historiográfico, contextualizando a política de trata-

mento de resíduos sólidos, e dos que vivem de sua coleta no Brasil (tanto por parte do governo quanto da iniciativa privada), antes, durante e depois do filme ser exibido. Assim como a trajetória do artista e seu interesse pelo lixo, tomamos como fontes de pesquisa os jornais e programas de TV tais quais: Globo, Folha de São Paulo, entre outras que divulgavam a realidade do aterro sanitário.

Nesse sentido, nos interessa pensar as políticas do governo neste lixão em relação a outros, pensando a atenção gerada por ter constituído a imagem de maior aterro do mundo, atraindo artistas, reportagens e planos governamentais que tentam maquiagem a realidade brasileira de modo a demonstrar uma política séria de desenvolvimento sustentável¹⁷.

O encontro de dois mundos

Nossa sociedade possui um sistema cujas bases se encontram na exploração e consequentemente na diferença social,¹⁸ num universo, onde países como Finlândia e Canadá exibem o orgulho de serem desenvolvidos e de

boa: Difel, 1991. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

¹⁶ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2000. FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2010. GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. NUNES, José Walter. Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram. In: LAVERDI, Robson. et al. (Org.). *Práticas sócio-culturais como fazer histórico*. Cascavel – PR: Ed. UNIOESTE. RAMOS, Alcides Freire. Cabra Marcado para Morrer de Eduardo Coutinho: CPC revisitado e os conflitos da memória. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela Ramos (Org.) *História e historiografias: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: Editora UFU, 2003. RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora SENAC, 2008. ROSSINI, Miriam de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/7 Letras, p. 113-120, 2006. Xavier, Ismail. "Cinema: revelação e engano." *O olhar* 11 (1988): 367-383. XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e terra, 2008.

¹⁷ As pesquisadoras se aventuraram a conhecer de perto o Jardim Gramacho, em junho de 2013, estivemos no local onde o lixão funcionava e percebemos que a realidade dos (ex) catadores não é a que os jornais e televisão divulgam, a produtividade do bairro caiu, pois os habitantes tiveram que buscar alternativas de emprego em outros lugares, o comércio enfraqueceu e muitos trabalhadores não receberam a indenização prometida e os cursos profissionalizantes prometidos não foram implantados.

¹⁸ MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

terem disseminado a igualdade social em seu território, continentes como a África demonstram que o bem estar de uns se deve ao insucesso de outros. O Brasil, porém, é o local que vive em seu território duas faces, que unem no mesmo espaço a beleza e a miséria do universo do capital. Esse é o caso do Rio de Janeiro, que segundo Certeau:

A observação prolifera. Ela tateia, como o fizemos, em equipes interdisciplinares locais, no Rio, em Salvador, Recife (Brasil) [...] De um lado, o espaço sócio-econômico, organizado por uma luta imemorial entre 'poderosos' e 'pobres', apresentava-se como campo das perpétuas vitórias dos ricos e da polícia, mas também como o reinado da mentira.¹⁹

Estas são as percepções de Certeau em sua vinda ao Brasil, tal qual são possíveis notar nas imagens de "Lixo Extraordinário" onde os espaços dialogam com as cenas panorâmicas de aproximação de Fábio Ghivelder²⁰ e Vik Muniz do Rio, mostrando a beleza das paisagens cariocas, do Cristo, uma das sete novas maravilhas do mundo, e a vida das elites praieiras que a cidade maravilhosa abriga.

Chegando ao aterro percebemos a diferença social brasileira, o avesso da complexidade urbana no qual, autotopistas, condomínios, shopping, teatros, universidades, indústrias, hotéis e

praias sinalizam a contemporaneidade que, por sua vez, esconde os infernos das periferias das grandes metrópoles.

Em Gramacho os tons amarelados e marrons substituem o verde e o azul, e Vik se depara com uma nova realidade escondida pelo consumo, descobre um novo Brasil que muitos só têm informações através da mídia e de alguns filmes como "Cidade de Deus" e "Tropa de Elite", o artista encontra a "escuridão", a "poluição" que ele e outras pessoas acreditam ser suja. Quando se aproxima dos catadores Vik está carregado de estereótipos sociais evidenciado em suas falas:

É o fim da linha. Dê uma olhada na geografia da área. Aqui é o fim da linha. É para onde vai tudo que não é bom. Incluindo as pessoas. [...] Os tipos de pessoas que trabalham lá, na sociedade brasileira, não diferem do lixo [...].²¹

Estas frases demonstram os preconceitos sociais que veem pobres como lixo. Ao conviver com os catadores Vik descobre diferentes realidades nos personagens escolhidos que se mostram pessoas para além dos pré-conceitos.

Dialogando com Certeau é possível constatar que a reciclagem, assim como as formas de lidar dos catadores são mais do que uma questão de sobrevivência, mas de resistência, pois se apropriam e atribuem valor de maneira criativa a algo que o capitalismo afirma ser imprestável.

¹⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994, p. 76.

²⁰ Fábio Ghivelder é artista e trabalha nas produções de Vik Muniz, em "Lixo Extraordinário" ele acompanha Vik e os catadores.

²¹ LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

[...] Como no caso da sucata, por exemplo, este fenômeno se vai generalizando por toda a parte, mesmo que os quadros penalizem ou “fechem os olhos” para não vê-lo. Acusado de roubar, de recuperar material para seu proveito próprio e utilizar máquinas por conta própria, o trabalhador que “trabalha com sucata” subtrai à fábrica tempo (e não tanto bens, porque só se serve de restos) em vista de um trabalho livre, criativo e precisamente não lucrativo. Nos primeiros lugares onde reina a máquina a que deve servir, o operário trapaceia pelo prazer de inventar produtos gratuitos destinados somente a significar por sua *obra* um saber-fazer pessoal e a responder por uma *despesa* a solidariedade de operários ou familiares²².

É preciso pontuar que o autor escreve este trecho em 1980, quando não existia a preocupação com a reciclagem, e o lixo era uma atividade ainda sem fins lucrativos. Apenas em 1990 o número de pessoas que sobrevivem dessa prática aumentou. A reciclagem influenciada pela preocupação com a contaminação do solo, dos lençóis freáticos e nascentes de rios, abriu espaço para a consciência ecológica, e o desenvolvimento da legislação ambiental, tornando o lixo uma atividade lucrativa como afirma um dos catadores de Gramacho “isso aí não é lixo, isso é material reciclável, isso é dinheiro!”²³

Notamos que os catadores tem consciência de que este ofício é revolu-

cionário, e reconhecem o seu papel social, a última cena apresenta o encontro de Tião com Jô Soares, e o personagem demonstra a ideia de que reciclar é mais que simplesmente catar, é um ofício inovador e resistente. “Posso fazer uma correção Jô? A gente não é catador de lixo, é catador de material reciclável, lixo é aquilo que não tem aproveitamento, material reciclável sim”²⁴.

Ainda seguindo o raciocínio de Certeau, observamos que Vik quebra paradigmas impostos pela sociedade há décadas num trabalho que também é social – e por que não político? Já que revela uma realidade e quebra com a lógica do desprezo pelo lixo.

[...] Com variantes, os produtos análogos à sucata proliferam nas administrações públicas ou comerciais [...] igualmente suspeitas ou reprimidas. Não apenas as oficinas e os escritórios repartições, mas os museus e as revistas eruditas as penalizam ou querem olvidá-las.²⁵

Aqui cabe pensar não apenas a proposta social de seu trabalho, mas a ideia de Vik ao representar em seus quadros o poder de reapropriação do que parece não ter serventia e, com isso, tocamos não apenas na questão do lixo, mas das pessoas que com ele se envolvem, e como aquilo que está sendo descartado pode se transformar ao ser atribuído o valor que cada

²² CERTEAU, op. cit., p. 88.

²³ LOPES, José Carlos da Silva Baia. In: MUNIZ, Vik. *Lixo extraordinário*. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

²⁴ LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

²⁵ CERTEAU, op. cit., p. 88.

objeto tem no mundo. “É tanto excesso que a coisa se transforma até em arte depois”.²⁶

Ao se aproximar dos catadores, Vik repara que se de longe aparentam ser excluídos sociais, de perto possuem uma vida comum, uma cultura, e que não são só drogados e pobres, possuem consciência de sua condição social, formas de conviver e lidar com a crueldade humana que os joga de escanteio. Entre os milhares de catadores do aterro ele seleciona sete para compor a trama de suas obras (filme e quadros): Zumbi, Suelem, Isis, Irmã, Valter, Magna e Tião.

Zumbi é o responsável por catar livros para a associação, podemos classificá-lo enquanto aquele que seleciona o melhor do lixo da ACAMJG²⁷, e seu sonho é construir uma biblioteca para os catadores. Ele posa enquanto “O semeador”, pois na associação sonha e luta pelos ideais dos catadores, transforma o lixão em um lugar digno para se trabalhar, ajudou sua mãe desde os nove anos no aterro após seu pai falecer, e posteriormente plantou ideias com seus amigos.

O quadro original pintado por Jean François Millet, *O semeador*, de 1850, pode ser uma inspiração a um camponês digno que luta para semear

a natureza. Zumbi é o semeador do lixo, que ajuda na organização da associação, que dá um tiro no escuro que parecia não ter saída, e que gera esperança com suas sementes.

Os créditos dizem que ele conseguiu montar uma biblioteca para a comunidade, os créditos dizem... Na realidade a biblioteca está sendo construída junto ao polo de reciclagem para 2015, a sala de informática da suposta biblioteca é uma doação da empresa Natura. Zumbi se separa de sua quarta esposa, e é contratado com frequência para ministrar palestras sobre a sustentabilidade e a questão dos catadores.

Já Suelem destaca-se como uma mulher batalhadora, com dois filhos, a mais velha com 3 anos e o segundo com 2 anos, dizia não poder contar com o pai de suas crianças, pois ele vivia na boca de fumo. Vik propõe uma inovação à pintura “Madonna” de Giovanni Bellini²⁸, controversa com o histórico religioso Suelem têm dois filhos sem união matrimonial, sendo que suas atitudes são condenadas pela Igreja, instituição na qual Madonna é exemplo virginal. Percebemos uma crítica de Vik, mostrando quem é a verdadeira mãe do século XXI, não mais uma mulher submissa, seguidora dos moldes católicos, é independente, luta por sua dignidade, possui afeição e é responsável por sua família.

²⁶ LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

²⁷ Associação dos Catadores de Material Reciclável do Aterro Metropolitano Jardim Gramacho, fundada por Sebastião Carlos dos Santos (Tião) e José Carlos da Silva Baia Lopes (Zumbi) para defender os direitos e interesses dos catadores.

²⁸ BELLINI, Giovanni. *Madonna com criança*. 1510. (Óleo sobre tela, 47.4 cm x 33.8 cm).



Figura 1: Madonna Suellem. MUNIZ, Vik. In: *Fotografias do lixo*. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2008.

Ao fim do filme, engravida novamente. Ela demonstra não apenas o instinto maternal, mas uma questão social da gravidez na adolescência, principalmente de garotas da periferia. Os créditos afirmam que com a vinda do

terceiro filho ela se casa com o pai dele que a sustenta.

Diferente dos demais personagens que são escolhidos pelas imagens, Isis é selecionada por sua personalidade irreverente e comovente história. Ela

representa a outra face do catador, porque não reconhece ou vê futuro nessa profissão. Ao contrário de Tião, por exemplo, que afirma: “prefiro que meu filho seja um advogado para defender a classe do catador”. Por ser um trabalho árduo, pesado, Isis está lá apenas pelo dinheiro que o lixo lhe proporciona.

Após trabalhar no galpão com Fábio e Vik ela se identifica, percebe minuciosamente como se dá o ofício do artista, muda sua aparência, usa maquiagem, cabelos soltos, aparenta uma autovalorização, pede para não ir embora, diz que não se enxerga mais em meio ao lixo, quer ficar naquele novo mundo que conheceu.

É a história mais triste do documentário, pois revela melancolia em seu olhar, em sua fala, os momentos em que relata ter sido obrigada a reconhecer o cadáver de seu filho refletem o abandono humano; verificamos o desinteresse da sociedade não apenas em relação aos materiais, mas aos seres, questionamos a forma com que são tratados, excluídos e jogados a escanteio, não apenas pelo governo, mas pelas classes médias e altas.

Isis possui uma realidade tão dura que posa como “A mulher passando roupa” de Picasso²⁹, em inglês “Womam ironing”, “iron” pode significar ferro de passar roupas, e forte. Apesar de triste, Isis é a representação da bravura por superar tantas dificuldades, está ligada ao quadro também por ser

²⁹ PICASSO, Pablo. *Mulher passando roupa*. 1904. (Óleo sobre tela, 116.2 cm x 73 cm).

proletária, a mulher pobre que dá duro para sobreviver a décadas.

Irmã simboliza a criação de uma nova alternativa de emprego: cozinha para as pessoas do aterro. Demonstra a justificativa da administração pública do “aterro sanitário enquanto motor do bairro”, porém sem nenhuma assepsia bem como os diversos comércios sustentados por eles (restaurantes, creches etc.). Ela posa como cozinheira para Vik, e retrata uma imagem tão impactante que é selecionada apesar de não remeter a outra obra de arte.

Um dos fundadores da ACAMJG, Valter morre de câncer no pulmão logo após conhecer Vik, devido a isso teve uma participação curta, mas significativa no filme com importantes frases e reflexões. Possui uma lógica que defende a grande função do catador em relação à humanidade: o trabalho indispensável de reciclar o “lixo”³⁰. Reafirma sua classe social não apenas de catador, mas de pobre, mostrando não ser excluído, e digno de respeito “a luta é grande companheiro, mas a vitória é certa. Ser pobre não é ruim. Ruim é ser rico no mais alto degrau da fama com a moral coberta de lama”.³¹

³⁰ PENIDO, José Henrique. O mito da reciclagem. In: PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004. LIMA, Maria Jacqueline Girão Soares. *A Educação Ambiental crítica e o conceito de sociedade civil em Gramsci: sinais sociais*. v. 4, n. 12, p. 58-89. Rio de Janeiro: 2010. PELEGRINI, Sandra. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, n. 51, 2006.

³¹ LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

Expressa não apenas identidade como resistência, mas a necessidade de um reconhecimento³² social do catador, como afirma para Vik, acreditando que o trabalho do artista poderia ser um meio para isso.

Sou catador aqui há 26 anos, tenho orgulho de ser catador. Sou vice-presidente da ACAMJG. Sou representante aqui, dentro do aterro de 2500 catadores. E isso, eu carrego com orgulho³³.

Percebe-se uma ligação entre o pensamento de Valter e Vik: a importância de cada material. Se para Vik um único objeto pode mudar a vida de alguém, para Valter ele pode completar, pode completar um coletivo de latas, como pode completar uma vida de luta “99 não é 100”. Para ele mais um trabalhador articulado ao movimento da associação era uma força para a transformação.

O catador é o profissional que valoriza os objetos, é quem reconhece o valor de cada matéria, e que auxilia a natureza através de seu ofício, pois sem ele, cada lixo jogado ajudaria a poluir um pouco mais o meio ambiente. É a principal fala em relação à sustentabilidade do filme.

Digamos que cada casa gera um quilo de lixo. E um quilo de lixo gere 500 gramas, meio quilo de material reciclável. Em mil residências isso se transforma em 500 quilos de material reciclável, já é menos que vem dentro

dos rios, dentro de lago entupindo rio, entupindo as valas, ou até mesmo vindo pro aterro, fazendo-se grande mal a natureza e o meio ambiente.³⁴

Não apenas uma personagem, mas um indicador social da realidade brasileira é Magna. Ela demonstra ter tido oportunidades de estudos, e uma posição social classe média até o marido perder o emprego, momento em que começou a trabalhar no lixão, cabendo seu discurso à fala de Marcos Prado.

[...] O contingente humano do aterro funcionava como um termômetro social. Ex-trafficantes, ex-presidiários, ex-domésticas, ex-trabalhadores, velhos, jovens e desempregados: todos juntos se misturavam ali em busca de um sustento vindo do lixo³⁵.

O trabalho na rampa³⁶ é a alternativa de quem perdeu oportunidades, e que encontra no lixão não apenas a possibilidade de resgate do material, mas de sua vida. Está imbuído em sua fala também o preconceito social em relação ao catador, ao lixo, ao mau cheiro.

A gente chegava no ônibus, o pessoal ficava assim. Cheguei ao ponto de dizer: senhora, escute, estou fedendo? Está sentindo mal cheiro? É porque eu estava trabalhando lá no lixão. É melhor do que se eu estivesse em Copacabana rodando bolsinha. Eu acho que é mais interessante, e mais honesto. Mais digno. Estou

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004. p. 10.

³⁶ Expressão usada pelos catadores para se referir às montanhas de lixo.

fedendo, mas chego em casa, tomo um banho e melhoro.³⁷

É uma personagem que demonstra orgulho do que faz apesar dos desafios, e do preconceito (ela revela para família o ofício apenas após a chegada de Vik), sobrepondo sua profissão a outras, “chego em casa, tomo um banho e melhoro” ou seja, jogando água o que para os outros é motivo de vergonha eu escondo, ninguém sabe, a marca some, quem está com a “moral na lama” pode esconder no exterior, mas e o interior? Consegue esconder de si mesmo?

Magna explicita em sua fala a dignidade do ofício de catador que, para ela, não existe em outras profissões como a prostituição, mostrando ai o preconceito com este ofício. Dialoga também com a questão levantada por Valter da importância do catador, pois as pessoas simplesmente colocam o lixo na rua, e não se preocupam para onde vai, a função do catador é pensar nesse lixo, primordial para limpeza da natureza, que é fundamental para a sociedade.

Magna reafirma seu ofício, seu lugar social e suas ideias. Durante o filme conta que se separou devido ao marido acreditar que era submissa a ele e que o documentário a faz perceber sua importância, torna-se também uma representação do pensamento feminista, e redescobre seu valor no filme, assim como o lixo.

O destaque do filme é Tião, presi-

dente da ACAMJG, que será o cicerone da trama de Vik, levando-o a conhecer o aterro, o bairro e as pessoas que convivem naquele lugar. Tião começou a trabalhar no Jardim Gramacho ainda adolescente, porém, na época, para o aterro continuar a funcionar foi assinado um Termo de Ajustamento de Conduta Ambiental que impediu que ele continuasse a ser catador, passou então a fazer serviços de pedreiro e outros “bicos” para ajudar a família, porém nunca deixou de estudar.

Ao completar a maioridade civil brasileira com 18 anos voltou para Gramacho, mas uma amiga da família sugeriu que trabalhasse na cooperativa podendo estudar e trabalhar ao mesmo tempo. É ele quem transforma esse empreendimento assistencialista numa associação com caráter político com o objetivo de dar visibilidade e angariar respeito à profissão da reciclagem³⁸.

O estudo proporcionou a Tião conhecimento de sua realidade, e dos problemas sociais em que vive. Suas primeiras falas no filme são em meio a um protesto da associação com um grupo de catadores, reivindicando atenção do governo a sua classe devido ao aviso prévio para o fechamento do aterro, temendo não ter alternativas de empregos. “O catador organizado já vai ser avisado [...] agora o senhor tá ignorando e fingindo que a gente não existe”³⁹.

³⁷ MAGNA. In: LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

³⁸ SANTOS, Sebastião Carlos. *Depoimento*. 12 junho 2013.

³⁹ SANTOS, Sebastião Carlos. In: LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.



Figura 2: Marat Sebastião. MUNIZ, Vik. In: *Fotografias do lixo*. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2008.

No filme *Tião* ressalta a importância da leitura, afirma se identificar com obras de Nietzsche e Maquiavel, se inspira no segundo para liderar sua luta, discorrendo sobre a questão do poder e da atitude dos diferentes príncipes

modernos. *Tião* compara a Florença de Maquiavel ao Rio de Janeiro, ao pensar nas diversas políticas dentro de um território. Verificamos que *Tião* já possuía percepções e vontades políticas de evidenciar sua luta e de liderar sua classe.

Vik percebe essas astúcias e ambições, acredita e compra a ideia, propõe que Tião se deixe fotografar como Marat⁴⁰ devido a suas percepções que o aproximam de um dos líderes jacobinos da Revolução Francesa, assassinado por defender os ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade” marcas deste movimento social que influencia nosso imaginário até os dias atuais, e que se manifesta nas reivindicações de Tião ao governo.

A ida de Tião a Londres para um leilão de artes em que o quadro com sua imagem é vendido por \$250.000,00 aparece em uma das cenas mais comoventes do filme, o catador se emociona e afirma que seu esforço valeu a pena. Na última parte do documentário há uma conversa entre Tião e Vik, que concluem que arte é aquilo que passa algo para as pessoas, que faz sentido em suas vidas.

[Vik] O que você pensava de arte moderna até conhecer a casa do leilão?

[Tião] Tinha uns bagulhos que eu achava meio escrotos.

[Vik] Escrotos por quê?

[Tião] Porque têm umas coisas que eu não acho que é arte, não.

[Vik] Por que você não acha que é arte? Por que você não entende?

[Tião] Porque eu não entendo, e acho que não tem significado nenhum.

[Vik] Mas você acha que tem que entender para ser arte?

[Tião] Eu acho que tem que passar alguma coisa para as pessoas. Por exem-

plo, eu, depois que você me contou a história do Jean-Michel [...] Eu passei a gostar um pouco mais da coisa que ele fazia. Já entendi um pouco mais aquelas coisas meio cavernosas. Ao mesmo tempo meio criança, como se fossem monstros também. Comecei a entender. E gostei.

[Vik] Mas aí se você admite que entendeu, e viu um pouco mais, então é a falta de conhecimento o motivo de não gostarmos de algo.⁴¹

O quadro de Vik e Tião é leiloado e escolhido: uma junção de coincidências? Consequências que fazem dele o maior líder da associação, premiado em Londres. E, para Vik a reafirmação de seu lugar no mundo das artes? Os créditos do filme dizem que agora todos acreditam em Tião, até mesmo o veem como presidente, os créditos dizem...

O fato é que Tião como um dos protagonistas da narrativa é também quem mais se destaca, não apenas indo para Londres, Los Angeles, e sendo entrevistado por Jô Soares, mas ganhando espaço na mídia. Mesmo após o filme, é destaque de propagandas de empresas como Coca-cola e Natura, cria a campanha “Limpa Brasil” contando com o apoio de celebridades como Chico Buarque, Milton Nascimento etc., têm imagens destacadas em redes sociais, é chamado com frequência para proferir palestras e lidera o movimento dos catadores. O filme é respon-

⁴¹ SANTOS, Sebastião Carlos; MUNIZ, Vik. In: LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

⁴⁰ DAVID, Jacques-Louis. *Marat assassinado*. 1793. (Óleo sobre tela, 128 cm x 165 cm).

sável por expandir sua luta de anos?

Porém, não apenas o documentário muda a vida de Tião, como a vida de Tião e de outros personagens muda os rumos do documentário e a mente de quem produz. Vik e sua equipe passam a enxergar os “suburbanos” com outros olhos para além dos estereótipos sociais, e demonstram isso ao fim de sua narrativa.

Não é tão ruim quanto eu pensava. Sério. Estamos no maior aterro sanitário do mundo. E as pessoas batem papo. Não vejo gente deprimida, parecem orgulhosos do que fazem [...] comecei a pensar em como ajudar as pessoas e, de repente me senti muito arrogante. Quem sou eu para ajudar alguém? Porque, no final das contas acho que estou sendo mais ajudado que elas⁴².

Estas conclusões fazem com que a narrativa se transforme num trabalho não apenas artístico, mas social, a obra é indicada ao Oscar, vence o prêmio de Sundance, o Festival de Paulínia e diversos outros, fazendo com que a vida desses catadores ganhe destaque mundial. Se antes do filme, Gramacho já era tema de documentários, novelas, manchetes e pesquisas acadêmicas⁴³, agora a visibilidade daquele local se intensifica. Tião e os outros tem a oportunidade de serem vistos mundialmente como sujeitos sociais conscientes, e capazes de transformar a realidade ao seu re-

tor, que só precisavam de um “empurrãozinho”, como conclui Vik.

Assim, o artista descobre uma nova face de seu trabalho ao retratar uma realidade para além dos estereótipos sociais, até porque Tião e alguns outros não querem sair de lá, estão satisfeitos com suas vidas, construíram suas identidades, reivindicam melhorias em Gramacho, querem modificar a imagem que a sociedade tem de seu mundo, ao invés de buscar abrigo em outros lugares, querem também ser reconhecidos como categoria social.

Através destas percepções passadas pelo filme decidimos conhecer melhor a realidade do aterro e dos catadores. No ano de 2013 desenvolvemos outro projeto (CNPQ) que circundava esta questão, proporcionando uma visita à ACAMJG que ainda se situa no mesmo local onde funcionava o Aterro Sanitário Jardim Gramacho, fechado em 2012.

Conversamos com Tião por telefone e agendamos uma entrevista para junho, momento em que o catador retornaria de uma viagem para o Leste Europeu. Apenas uma das pesquisadoras pôde comparecer. No dia anterior a entrevista Tião pediu para que fossemos ao “Caxias Shopping” e ligássemos para ele, quando cumpri o combinado ele ensinou o taxista para que me deixasse no local correto. Chegando a associação o motorista que já havia sido instruído ficou em dúvida se tinha compreendido corretamente, eu disse que estava certo, pois conhecia o lugar por fotos.

Desci do carro e avistei a construção dos galpões de reciclagem prometidos pelo governo, continuei caminhando e

⁴² MUNIZ, Vik. In: LIXO EXTRAORDINÁRIO. Produção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

⁴³ PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.



Figura 3: Tião e Zumbi na ACAMJG. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 12 jun. 2013.⁴⁴

me deparei com Tião no celular do lado de fora da associação, ele me disse que eu poderia entrar, em seguida vi um homem familiar, porém ainda não havia reconhecido, apenas quando Tião disse, percebi que aquele era Zumbi, o semeador dos sonhos. Então brinquei: “Nossa! você é o Zumbi? Nem te reconheci você está mais velho!” Eles deram risada e Tião me perguntou se também estava diferente, eu disse que ele não havia mudado tanto (depois percebi que para mim Tião não estava diferente, porque sua presença na mídia é constante).

Durante nosso encontro tive informações extremamente relevantes para a pesquisa, principalmente em relação ao fechamento do aterro e a condição dos catadores que perderam seu emprego. Devido à visibilidade mundial

de Gramacho, influenciada pelo documentário, a prefeitura do Rio de Janeiro e o governo brasileiro em parceria com empresas de iniciativa privada prometeram aos catadores cursos profissionalizantes, uma remuneração de 14.000,00 a cada um e a construção de oito galpões para reciclagem seletiva. Em conversa com Tião e Zumbi percebemos que a realidade está um pouco distante do que foi prometido e divulgado:

Estamos acabando de construir o polo de reciclagem pra criação de empregos [...] Isso vai gerar diretamente 550 empregos, indiretamente um pouco mais. E é isso, e tem o programa de capacitação que não é da nossa área, que é outra associação que tem aqui a ASEX - Associação de (Ex) Catadores e Catadoras que está cuidando dessa parte, não posso responder por eles [...] A parte que nós estamos fazendo é outra coisa que é bom pra todo mundo que é: Plano de

⁴⁴ As imagens da pesquisa no Jardim Gramacho são informativas, a fim de demonstrar a situação atual da ACAMJG, por isso não possuem apresentação tais quais as obras de Vik.



Figura 4: Zumbi em um dos galpões construídos pelo governo. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 13 jun. 2013.

Revitalização do Bairro, eu prefiro falar Plano de Construção da Periferia do Bairro, porque você só revitaliza aquilo que existia e foi destruído, falar a verdade nunca existiu casa popular, nunca existiu asfalto, nunca existiu saneamento, nunca existiu creche, então você tá construindo, não tá revitalizando. Revitalizar seria se tivesse uma creche lá quebradinha, velha, e você tá consertando ela, então na verdade acho que isso agora é o maior desafio⁴⁵.

Apesar dos catadores da Associação reafirmarem seus ganhos, que concordamos serem significativos ao bairro e a categoria (pois a revitalização realmente está sendo feita), temos

algumas questões a serem levantadas ao governo: os galpões que estão sendo construídos ficarão prontos em cerca de dois anos após o fechamento do aterro e durante este tempo o bairro do Jardim Gramacho esvaziou, o comércio perdeu sua força, creches, restaurantes, bares, barracos de alugueis, praticamente todas as alternativas de trabalho encontradas para sobreviver naquele local foram disseminadas. E os cursos profissionalizantes estão realmente sendo ofertados?

A cooperativa que dava sustento a mais de 1500 homens e mulheres foi tomada por máquinas, a associação sobrevive com cerca de 30 pessoas para coleta seletiva de materiais, através de uma política carioca de pedir para que empresas recolham seus resíduos e en-

⁴⁵ SANTOS, Sebastião Carlos. *Depoimento*. 13 junho 2013.



Figura 5: Local onde a ACAMJG coleta o lixo após o fechamento do aterro. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 12 jun. 2013.

viem aos catadores, porém nem todos cumprem a lei. Durante este tempo, como fica o bairro? Para onde vão todas aquelas pessoas que viviam por lá? Como a associação sobreviveu e sobreviverá com apenas 30 catadores?

Tive a oportunidade de ver (ex) catadores que moravam em barracos de lona que não resistiam à chuva, pescavam peixes para sobreviver num lago próximo ao antigo aterro (que provavelmente está contaminado), cozinhavam em latas de leite moça e panelas de alumínio o arroz que advinha do lixo, estendiam uma bandeira do Brasil bem ao lado de sua casa improvisada demonstrando nacionalismo e confiança na pátria que já os havia abandonado. Apesar do olhar triste foram receptivos a minha presença que vinha de outro

mundo, o mundo das maravilhas que os havia excluído.

A renda do bairro caiu muito mesmo, caiu de tudo, a farmácia, o mercado, o hortifruti, o bar, a padaria, a renda caiu muito, não só para os comerciantes como pra nós mesmo catadores, tinha catador que ganhava 100,00 em duas horas, hoje em dia eles ficam cinco horas trabalhando de ajudante de pedreiro pra ganhar 100,00 o dia, olha a diferença! Trabalha de 6 as 5, é, de 7 as 5 da tarde, sem contar aqueles que catam na rua, que nem você viu as pessoas catando na rua, dormindo, morando e mesmo assim tem pessoas que continuam na mesma. E tem pessoas que até tiveram alguma oportunidade de conseguir um emprego de carteira assinada que nem o meu irmão conseguiu um emprego de carteira assinada, ganha um salário,

ganha, tá curtindo outra profissão, minha irmã também. Então, tem pessoas que tiveram uma segunda chance, mas tem pessoas que não tiveram a segunda chance, aí volto a falar que nem aqueles amigo nosso lá, e eles não querem sair, de repente, eles querem uma segunda chance, mas querem ficar no mesmo lugar, aquilo ali é uma questão de conversar, de consciência, não só nossa, mas também deles e de todos que acham que ficar desorganizado é prejuízo.⁴⁶

Nestas falas Zumbi evidencia sua preocupação em relação à situação dos catadores com o fechamento do aterro, explica como se deu o processo de pressionar o governo para conquista de seus direitos (preocupação que também está inserida em nossa pesquisa). Há ainda outra questão passível de resposta apenas quando os galpões ficarem prontos: e a ACAMJG? Irá sobreviver após dois anos praticamente inativos?

Considerações finais

Apontamos problemas graves em relação à política de desativação de aterros que vem sendo implantada em diversos locais do país, sendo entregues a empresas e máquinas por ser um trabalho árduo e com sérios riscos a saúde quando feitos por humanos. Gramacho é um dos poucos locais do Brasil que recebeu esta ajuda, ainda que pequena. O que demonstra a política brasileira de tentar se tornar um país desenvolvido, porém sem que haja um real esforço

para melhorar as condições de vida dos sujeitos sociais.

O fechamento de aterros tem sido uma grande preocupação social não apenas brasileira, mas mundial, realidade dos países subdesenvolvidos. Sendo assim, entra em foco a necessidade brasileira de provar para o mundo que é um país apto a tornar-se uma potência e erradicar os lixões, porém essa política acaba sendo feita de maneira unilateral, priorizando um crescimento mascarado em desenvolvimento.

Fontes

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2007.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Direção: João Jardim et. al. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2010.

Referências bibliográficas

ABREU, Fernanda. Rio 40 graus. In: *Sla 2 Be Sample*. Rio de Janeiro: Emi-Odeon Brasil, 1997. 1 CD. Faixa 6.

AGAMBEM, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó – SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *Boletim Tempo Presente*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 19, 2009.

⁴⁶ LOPES, José Carlos da Silva Baia. *Depoimento*. 13 junho 2013.

- AMENGUEL, Barthélémy. *Chaves do cinema*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1973.
- ARNHEIM, R. *A arte do cinema*. Lisboa: Ed. 70, 1989.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- _____. *A câmara clara*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. *Obras escolhidas 1*, 1994.
- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Edunesp, 1977.
- CERTEAU, Michel de. Culturas populares. In: *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2010.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Ed. da Unicamp, 1996.
- _____. *Nova História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LIMA, Maria Jaqueline Girão Soares. *A Educação Ambiental crítica e o conceito de sociedade civil em Gramsci: sinais sociais*, v. 4, n. 12, p. 58-89. Rio de Janeiro: 2010.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. Estamira: a profetiza que vasculha o além do além. *Revista Fênix*. Jul.-dez. 2013.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MUNIZ, Vik. *Fotografias do lixo*. Rio de Janeiro: G. Ermarkoff, 2008. Fotografia, color.
- NUNES, José Walter. Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram. In: LAVERDI, Robson et al. (Org.). *Práticas sócio-cul-*

turais como fazer histórico. Cascavel – PR: Ed. UNIOESTE.

OLIVEIRA, M. G. P. Catar e catar-se: aproximações entre Agnès Varda e Vik MUNiz. In: VIII *ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2012, Salvador.

PELEGRINI, Sandra. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, n. 51, 2006.

PICASSO, Pablo. *Mulher passando roupa*. Óleo sobre tela, 1904.

PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.

RAMOS, Alcides Freire. Cabra marcado para morrer, de Eduardo Coutinho: CPC revisitado e os conflitos da memória. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela Ramos (Org.) *História e historiografias: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: Editora UFU, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: SENAC, 2008.

ROSSINI, Miriam de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História e linguagens: texto, imagem,*

oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

SANTI, Alexandre. Memória e felicidade: como assumir o controle de suas lembranças e ser mais feliz. *Superinteressante*, v. 300, 2012.

SANTOS, Darlan; FUX, Jacques. Estamira e Lixo extraordinário: a arte na terra desolada. *Ipotesi*. Juiz de Fora, v. 15, n. 72, p. 125-137, 2011.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

THOMPSON, Edward P. Tradição, revolta e consciência de classe. *Crítica*, 1984.

WILLIAMS, Raymond; CASTELLET, José María; DI MASSO, Pablo. *Marxismo y literatura*. Península, 1980.

XAVIER, Ismail. Cinema: revelação e engano. *O olhar* 11, 1988, p. 367-383.

_____. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e terra, 2008.